

*Ana Luísa Luz - Guiné-Bissau
Fevereiro a Junho de 2013*

Em 2012 uma amiga propôs-me um projecto, um projecto a meu ver irrecusável: ir viver para uma aldeia do sul da Guiné-Bissau por um período de alguns meses, ao longo do qual teria como principal função seguir a construção de uma estrutura importante para o cultivo de arroz, alimento essencial no país. No início de Fevereiro de 2013 estava no aeroporto de Lisboa, ansiosa por tirar o casaco e calçar as chinelas em Bissau. A construção seria levada para a frente pela comunidade que, através de um esforço comum, tinha conseguido financiamento para pagar a mão-de-obra e os recursos necessários para a construção (ferramentas, alimentação, viagens). A estrutura a construir permitiria à aldeia aumentar a produção de arroz.

O meu papel foi sobretudo participar nos trabalhos de construção e registar o processo. Para isso recorri a uma máquina de filmar e a um gravador áudio, para os momentos de conversa ou entrevista mais formal. As filmagens serviriam para compor um registo da construção e das dinâmicas que se geram em seu torno.

Em Junho cheguei a Lisboa... a construção tinha sido terminada com sucesso. O financiamento tinha sido suficiente. Dali para a frente não sabíamos... a área da aldeia propícia para o cultivo de arroz de mangal tinha aumentado, o trabalho intenso a que se submeteu a aldeia ao longo daqueles meses estava à vista.

Quanto a mim, aprendi muito nesses meses. Pude ter um vislumbre do que é o trabalho conjunto de uma aldeia por um objectivo que virá a beneficiar toda a comunidade. Aprendi a por em prática metodologias de investigação etnográfica, aprendi como uma câmara de filmar pode ter um papel maior do que o de ferramenta de trabalho. Relembrei o valor e a importância da cooperação face às adversidades. Foi sem dúvida um período de construção para mim, tanto do ponto de vista profissional como pessoal. E na verdade continua a ser, cada vez que a memória volta à aldeia, que remexo por qualquer razão nos registos que fiz e que reflicto sobre a experiência vivida, surgem novas perspectivas, novas formas de pensá-la, e, logo, novas interpretações. Espero apenas que, quando, e se, este processo terminar, possa voltar àquela aldeia, interagir um pouco mais, e assim começá-lo de novo.